

Alvo de ataques de presidenciáveis, classe média perde renda nos últimos anos

Especialistas não chegam a consenso sobre como delimitar o que é e quem é classe média

Por Lucianne Carneiro — Do Rio

18/04/2022 05h01 · Atualizado há um mês

A **classe média** voltou aos holofotes da sucessão presidencial pelo debate entre os pré-candidatos à Presidência nos últimos dias. Ela foi tachada como sendo ostentatória e consumista em declarações do ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT) e do ex-governador cearense **Ciro Gomes** (PDT), ao passo que o ex-governador paulista **João Doria** (PSDB) disse que ela não deve ter prioridade em relação ao povo. Mas diversos dados e análises de especialistas apontam que houve perda de renda neste segmento e a própria classificação de quais são as classes no Brasil não é consensual.

- **Heterogênea e volátil, classe média deve ser fiel da balança nas eleições**
- **Pressão de cartórios sobre Congresso pode fazer MP caducar**
- **Polarização nacional se impõe no Paraná**
- **Dino quer programa de Lula que “dialogue com forças do mercado”**

A primeira questão é que há diferenças entre classes sociais - mais ligadas à sociologia e aos aspectos culturais - e classes econômicas, que consideram essencialmente critérios de renda, apontam especialistas. Mesmo a divisão por classes de renda tem mais de um parâmetro, já que não há medida oficial do país. Pesquisadores e consultorias constroem suas classificações, com faixas de renda diversas, a partir de dados de rendimento da **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** (Pnad) Contínua, do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (IBGE), e de outras fontes, como transferências sociais, aposentadorias, aluguel e investimentos.

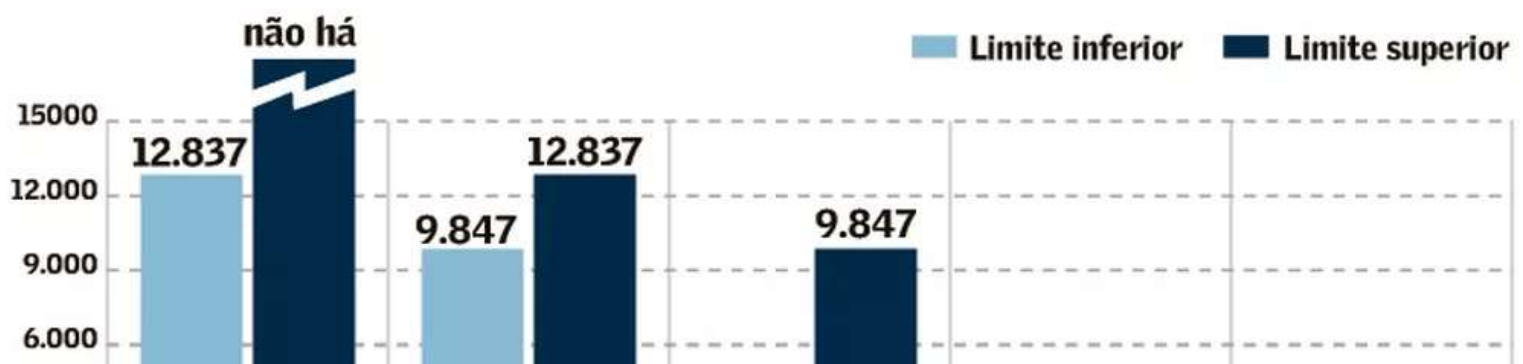
Pelo critério monetário, a classe média é a classe C, que está na média da renda da população brasileira. Em geral, é uma parcela da população que depende quase exclusivamente da renda do trabalho, seja ele formal ou informal. É um grupo que vive com mais vulnerabilidade econômica, por estar mais próximo da base da pirâmide de renda. Mesmo considerando diferentes divisões monetárias, analistas são unânimes em destacar o empobrecimento da classe C nos últimos anos.

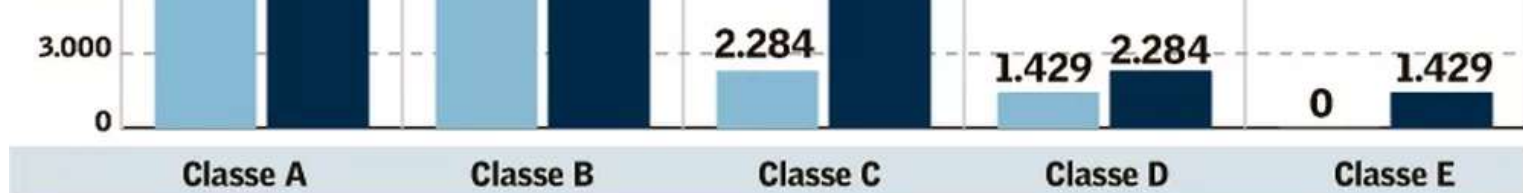
É um processo que começou na recessão dos anos 2015 e 2016, não foi contornado no pós-crise por causa da recuperação fraca da economia e acabou sendo reforçado com a pandemia.

Estrutura de classes, por renda

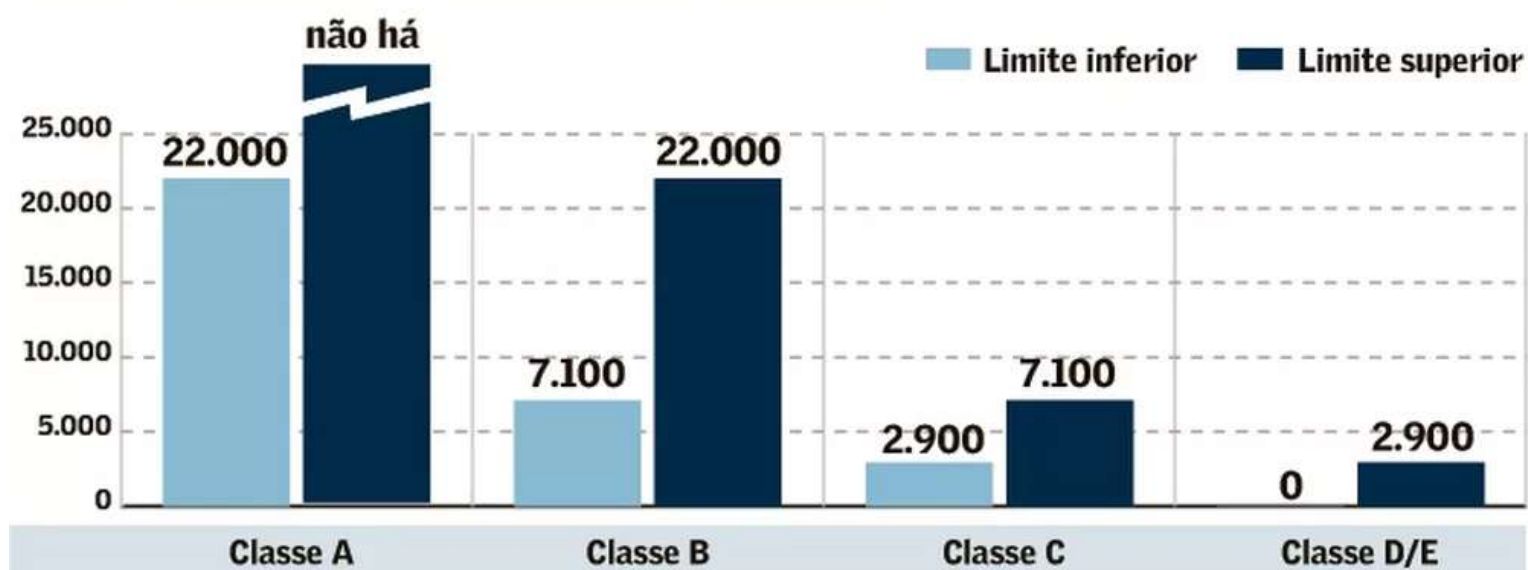
País não tem classificação oficial e há diferentes medidas

Renda domiciliar (Centro de Políticas Sociais, CPS/FGV) - em R\$





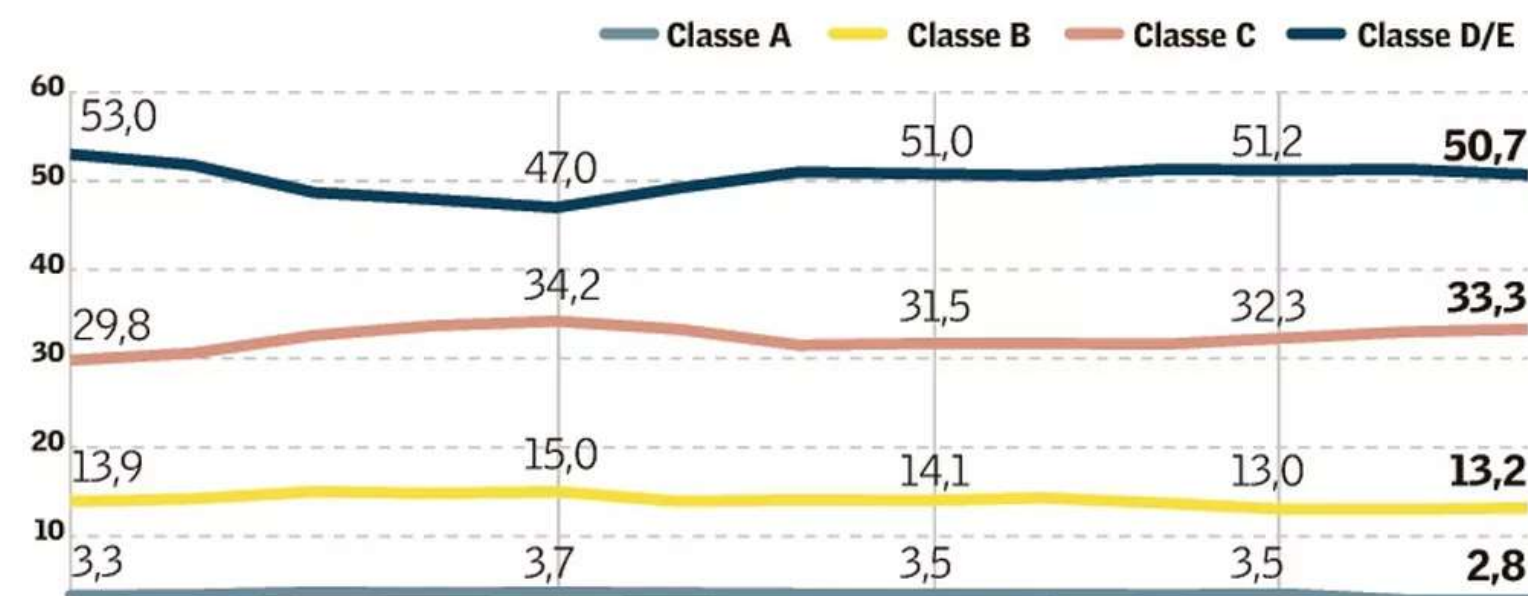
Renda domiciliar (Tendências Consultoria)



Renda per capita (Instituto Locomotiva)



Participação no total de domicílios - em % (Tendências Consultoria)



2010

2014

2016

2020

2022*

Participação no total da população - em % (Instituto Locomotiva)

	2011	2014	2019	2021
Classe A	4,9	5,7	7,6	4,6
Classe B	15,0	17,6	21,1	14,3
Classe C1	16,6	17,8	21,5	16,1
Classe C2	17,5	18,5	14,3	17,7
Classe C3	16,6	16,9	13,1	15,8
Classe D1	17,4	14,2	12,3	16,4
Classe D2	8,2	6,1	5,0	8,4
Classe E	3,9	3,2	5,1	6,6

Fonte: Tendências Consultoria, CPS/FGV e Instituto Locomotiva * Projeção

Na classificação da **Tendências Consultoria**, por exemplo, a classe média tem renda mensal domiciliar entre R\$ 2,9 mil e R\$ 7,1 mil. Nas contas do **Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV)**, a classe C tem renda no domicílio entre R\$ 2.284 e R\$ 9.847 por mês, muito distante de ser capaz de financiar um estilo de vida que o coordenador do Centro, o economista Marcelo Neri, chama de “classe média tradicional dos filmes americanos”.

A imagem, explica, tem a ver com a referência cultural da classe média e não com parâmetros de renda. Já pelos critérios do **Instituto Locomotiva**, a classe C está dividida em três subgrupos (C1, C2 e C3), com faixa de renda per capita que oscila entre R\$ 579,70 e R\$ 1.819,82. O intervalo grande de renda, seja qual for a classificação, aponta o quão diversa é essa classe C.

Estudo da Tendências mostra de forma clara o empobrecimento dessa classe média nos últimos anos. A renda média mensal dos domicílios da classe C, que ultrapassou a faixa dos R\$ 4 mil até 2014, perdeu esse patamar na recessão de 2015/2016, recuperou rapidamente em 2017, mas oscila desde então abaixo dos R\$ 4 mil. Os últimos dois anos foram de queda (2020 e 2021) e deve voltar a crescer em 2022, segundo projeção da consultoria, para R\$ 3.613, mas ainda ficará bem abaixo dos R\$ 3.939 de 2019 (considerando preços de novembro de 2021).

Em 2020, a classe C teve queda de 3,8% na renda domiciliar, seguida por retração ainda maior em 2021, de 6,3%, segundo projeção da Tendências.

Enquanto isso, a classe D/E, que tem uma renda menor, mas foi beneficiada pelos programas de transferência de renda ampliados pelo governo por conta da pandemia, teve aumento de 21,9% da renda domiciliar. Apesar da perda de 15,9% em 2021, ainda está maior, em média, ao que era em 2019, pelo cálculo da consultoria.

“Nos últimos anos, houve aumento da parcela dos domicílios na classe C e ao mesmo tempo temos uma classe média mais empobrecida”, diz Lucas Assis, economista da Tendências Consultoria e responsável pelo estudo. No período mais recente, lembra ele, tem se observado as médias salariais mínimas históricas, com muita dificuldade de negociação de salários e abertura de postos de trabalho de baixa qualidade e, por consequência, de menor rendimento.

A participação da classe C no total dos domicílios brasileiros aumentou de 31,6% em 2019 para 32,3% em 2020, pelas contas da Tendências, enquanto a classe B recuou de 13,7% para 13%, respectivamente.

Já entre 2020 e 2021, quem recuou foi a classe A (3,5% para 2,8%, segundo a estimativa da consultoria), enquanto a classe B manteve a mesma parcela (13%) e a classe C continuou a avançar (32,3% para 33%).

“Dentro de cada classe, há uma grande heterogeneidade. A classe C comporta diferentes grupos, mas é uma classe média de um país em desenvolvimento, que ainda apresenta significativas vulnerabilidades econômicas. Ela depende unicamente de salários, tem forte presença da informalidade e de postos de trabalho de baixa qualificação”, explica Assis.

Mais do que apenas renda, destaca o presidente do Instituto Locomotiva, Renato Meirelles, a classe média - que ficou conhecida como nova classe média nos anos em que vinha crescendo fortemente, antes da recessão de 2015/2016 - perdeu acesso a serviços e produtos que tinha conseguido alcançar, como escola privada para os filhos, plano de saúde para a família e viagens de avião, por exemplo.

“A classe C, que tinha melhorado de vida, vem sofrendo muito nos últimos anos. Primeiro com a recessão e depois na pandemia. Com o desemprego e a perda da renda, mas principalmente por perder conquistas que já tinham tido. Perder dói muito mais do que deixar de ganhar”, diz Meirelles, acrescentando que a perda de renda também atinge a chamada antiga classe média. “As duas classes médias estão consumindo menos. Quase todos estão consumindo menos.”

A antiga classe média ou a tradicional classe média - identificada no caso da classificação de renda como a classe B - também ficou menor na pandemia. Pelos dados da Locomotiva, a parcela no total da população, que era 21,1% em 2019, caiu para 14,3% em 2021. Já a classe A viu sua fatia recuar de 7,6% para 4,6%, considerando a mesma base de comparação.

Esse vocabulário que trata da classe média como a antiga ou tradicional e a nova traz nele muito do contexto de classe social versus a classe de renda e também da referência cultural de uma classe média de países desenvolvidos, como Estados Unidos e os da União Europeia, diferente do que é a realidade brasileira e no mundo.

“No fundo, a referência cultural que se tem de classe média é a dos filmes americanos, com casa, dois carros e dois cachorros. Mas o que a gente conhece como classe média americana é rica no Brasil. Ainda há muita confusão. Uma coisa é a classe social e outra é a econômica, no sentido de poder de compra, de consumo. Como economista, falo de classe econômica”, argumenta Marcelo Neri.

O economista pondera que a classe C é uma das que mais se ressentem da atual situação de restrição fiscal do país.

“Depois de um período de ascensão, graças ao crescimento da renda do trabalho e da redução da desigualdade, a classe C acumula muitas perdas. Quando volta para o setor público, em serviços que não usava mais, como escolas e hospitais, sente a diferença na qualidade”, diz.